

CRESCIMENTO DA CHINA E TROCAS COMERCIAIS COM O BRASIL¹

Maria Auxiliadora de Carvalho²
Arthur Ghilardi³

1 - INTRODUÇÃO

A China fez parte dos acordos internacionais realizados ao término da II Guerra Mundial, sendo um dos 23 signatários do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), firmado em 1947 para obter "... substancial redução das tarifas e outras barreiras ao comércio e para eliminar o tratamento discriminatório no comércio internacional"⁴.

Depois que foi proclamada a República Popular da China, em 01/10/1949, o país preteriu os acordos firmados e se desligou dos organismos internacionais. Em 1978, começou a se voltar para o mercado, processo que vem se expandindo gradualmente desde então. Sua adesão às organizações econômicas internacionais começou em 1980, quando retornou ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em 1986, tentou retornar ao GATT, mas as negociações foram suspensas em 1989, depois que os militares abriram fogo contra manifestação pacífica dos estudantes na Praça da Paz Celestial. As negociações foram retomadas em 1994, no âmbito do GATT, sucedido pela Organização Mundial de Comércio (OMC) em 1995. Daí resultou a proposta de aceitação da China entre os membros, desde que submetida a uma etapa de transição.

A adesão da China à OMC ocorreu em 11/12/2001 na Conferência Ministerial de Doha, Catar, ocasião em que foi aprovado o texto de adesão. Através desse texto a China se comprometeu a proceder à desgravação progressiva de seus produtos em quinze anos⁵.

Como a China ainda não é uma economia de mercado e tem postura agressiva no comércio internacional, os demais membros da OMC se reservaram o direito de estabelecer salvaguardas específicas contra seus produtos. Assim, por um período de doze anos a partir da data de sua adesão à OMC, os demais membros podem impor salvaguardas para proteger a indústria doméstica quando prejudicada pelos surtos de importação de produtos originários de lá⁶.

A adoção de salvaguardas específicas contra produtos chineses, no entanto, exige que os termos firmados na OMC sejam regulamentados na legislação local. Em 20/05/2005, o Governo brasileiro anunciou que isso seria feito através de dois decretos: um relativo aos produtos gerais, com prazo até 2013, e outro referente a têxteis, válido até 2008⁷.

Argentina, Estados Unidos e União Européia já contam com legislação própria acerca das salvaguardas a produtos chineses. Os Estados Unidos até começaram a aplicá-las para proteger sua indústria têxtil⁸. A União Européia, que vinha sofrendo pressão de seus produtores para fazer o mesmo, fechou acordo com a China, evitando uma guerra comercial⁹.

O que justifica a estratégia defensiva em relação à China é sua grande competitividade no comércio internacional, resultante de pelo menos

mercado, tarifas aduaneiras, barreiras em bens e serviços e compromissos na adesão à OMC. fev. 2002. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sece/bartecnicas/barnaotarifadas/china.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2005.

⁶WORLD TRADE ORGANIZATION - WTO. **Accession of the People's Republic of China**. 10 Nov. 2001. Disponível em: <<http://www.docsonline.wto.org/DDFDocuments/t/WT/L/432.doc>>. Acesso em: 27 maio 2005.

⁷MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **Governo regulamenta salvaguarda específica para a China. A ASCOM**: Últimas Notícias, 20 maio 2005. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/ascom/noticias/noticia.php?cd_noticia=6453>. Acesso em: 23 maio 2005.

⁸EUA impõem cotas a têxteis chineses. **Folha de S. Paulo**, 14 maio 2005. Caderno B, p. 6.

⁹ALBUQUERQUE, V. UE e China anunciam acordo sobre têxteis. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2005. Caderno B, p. 17.

¹ Registrado no CCTC, IE-46/2005.

²Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

³Economista, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴WORLD TRADE ORGANIZATION - WTO. **The General Agreement on Tariffs and Trade (GATT 1947)**: legal texts. Disponível em: <http://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/gatt47_01_e.htm>. Acesso em: 30 maio 2005.

⁵MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **China**: intercâmbio co-

dois fatores: apoio do poder público e baixos salários.

A política pública chinesa que mais vem afetando as trocas internacionais é a sustentação da banda cambial entre 8,276 e 8,280 yuan por dólar desde dezembro de 1997¹⁰. Há bastante tempo a China vem recebendo enorme afluxo de dinheiro resultante dos *superávits* comerciais e dos investimentos diretos realizados por empresas estrangeiras que, sob sistema flutuante, naturalmente levariam à apreciação do yuan, tornando suas exportações menos competitivas. Como o governo chinês impede a apreciação da moeda pela sustentação da banda cambial, implica estímulo ao aumento da competitividade de seus produtos no mercado internacional¹¹.

A despeito das pressões internacionais, ainda não há evidências que o governo chinês esteja disposto a mudar de forma radical o rumo de suas políticas, cambial ou comercial, até porque é reconhecido como um caso de sucesso. Levando em conta que hoje a China desempenha papel estratégico para a estabilidade mundial¹², este trabalho tem por objetivo reunir um conjunto de informações que possibilitem o entendimento de sua crescente importância como *global trader*, ressaltando as implicações para o comércio exterior brasileiro.

O texto é composto de três partes além desta introdução. A primeira delas apresenta dados da macroeconomia da China buscando identificar as tendências observadas após o início da

¹⁰Há quase dez anos o governo chinês mantém a taxa de câmbio abaixo de 8,3 yuan por dólar a despeito da pressão dos Estados Unidos e de outros países pela apreciação da moeda. A pressão se tornou mais séria quando o Senado dos Estados Unidos decidiu votar, em julho de 2005, um projeto de lei para impor tarifa de 27,5% sobre os produtos importados da China, caso não reavaliasse sua política cambial em seis meses (CHINA revê rumor sobre novo câmbio. Do "Financial Times". Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOT-Cod=191673>>. Acesso em: 31 maio 2005.

¹¹Krugman explica que a manutenção da taxa de câmbio fixa na China só é possível porque o governo chinês devolve para o exterior, através da compra de ativos em dólar, o dinheiro que entra via exportações e movimentos de capitais. Em outras palavras, o dinheiro chinês é que financia o *déficit* público norte-americano e permite que as taxas de juros nos Estados Unidos continuem baixas (KRUGMAN, P. Desvalorizar traria problemas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 maio 2005, Caderno B p. 4.)

¹²Se houver valorização da moeda chinesa, por exemplo, com redução do seu acúmulo de reservas, o financiamento do *déficit* público norte-americano pode ser comprometido, levando ao aumento da taxa de juros e à queda da liquidez internacional, com reflexos sobre os países dependentes de capitais internacionais.

liberalização econômica. A seguinte está centrada nas trocas comerciais com o Brasil. A última procura tecer algumas considerações sobre as possíveis implicações das mudanças na economia chinesa para a economia brasileira.

2 - DEPOIS DA VOLTA AO MERCADO

Da declaração da República Popular da China, em 1949, até a morte de Mao Tse Tung, em outubro de 1976, a economia chinesa esteve baseada principalmente na alocação centralizada dos recursos¹³. Em 1977, começou a ascensão de Deng Xiao Ping no Partido Comunista Chinês, que mudou os rumos para o que denominou "economia socialista de mercado" e significou abertura externa seletiva e adoção de novos padrões de desenvolvimento.

Em dezembro de 1978, o comitê central aprovou as Quatro Modernizações: Agricultura, Indústria, Defesa Nacional e Ciência e Tecnologia. A idéia era superar o atraso de uma sociedade basicamente agrária, alcançar padrões competitivos em escala internacional e buscar uma posição importante no cenário internacional. Na visão de Deng Xiao Ping, comunismo não combina com escassez e miséria e a melhoria do bem-estar da sociedade exigia produzir mais e aumentar a produtividade. Daí decorria que a modernização era necessária e todos os meios que pudessem levar a isso eram considerados válidos. Ele sintetizou essa estratégia na frase: "*Não importa a cor do gato, mas se é ou não capaz de caçar ratos*"¹⁴.

A partir dessa época, no plano das relações econômicas com o resto do mundo, a China criou "*portos livres, zonas econômicas especiais, zonas econômicas abertas, zonas de desenvolvimento econômico, modalidades diferentes, todas visando criar as melhores condições para atrair capitais, incorporar tecnologia,*

¹³Os últimos dez anos desta fase, denominada "Revolução Cultural", foram traumáticos para a sociedade chinesa e se caracterizaram por enormes perdas humanas e materiais (REIS FILHO, D. A. **A China atual: prosperidade econômica e ditadura política**. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/nec/textos02.html>>. Acesso em: 31 maio 2005.)

¹⁴Belluzzo, L. G. M. "*Não importa a cor do gato, mas se é ou não capaz de caçar ratos.*" Deng Xiaoping. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jan. 1997. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/artigos/belluzzo/artigo46.htm>> Acesso em: 01 jun. 2004.

exportar”¹⁵.

Sua eficiência na atração de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) é um traço notável. De uma situação em que nada absorvia em 1970, evoluiu para US\$57 milhões em 1980 e US\$8,5 bilhões em 1990, valor correspondente a 4% do total mundial. A partir daí, tornou-se um dos maiores receptores de recursos do mundo, ultrapassando US\$50 bilhões em 2002 e 2003 (Tabela 1).

Tradicionalmente os países desenvolvidos recebem a maior parte dos recursos mundiais. Os dados da United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD) mostram que, entre 2000 e 2003, captaram a média de 72% do valor total dos IDE. Dentre os emergentes, a China lidera a absorção há muito tempo, chegando a 8,5 vezes a captação do Brasil em 1990 e 1995. Em 2003, ocupou o segundo lugar no *ranking* dos receptores de IDE, com US\$53,5 bilhões, correspondentes a 10% do total mundial. Ficou atrás apenas de Luxemburgo, país onde a legislação tributária possibilita que firmas criem filiais e remetam os recursos para outros países¹⁶.

A China é também o maior caso de sucesso no comércio internacional contemporâneo. Depois do início da abertura, a média de crescimento de suas exportações passou a ser igual ou superior à das importações e sempre muito acima da média mundial: no período 1978-2003, as exportações chinesas aumentaram 12,9% a.a. contra 6,8% a.a. das mundiais. Vale observar que, mesmo antes da abertura, seu comércio exterior crescia mais que o do resto do mundo. A diferença é que antes (1961 a 1978) a média do crescimento das importações era maior que a das exportações, 17,2% a.a. contra 17,8% a.a., respectivamente, enquanto o comércio mundial estava crescendo à taxa anual de 15,5% (Tabela 2).

O sucesso no comércio exterior se refletiu no crescimento econômico. Entre 1986 e 1995, enquanto a produção global se expandiu à média anual de 3,3%, na China a expansão da economia correspondeu ao triplo desse percentual. De 1996 a 2004 a diferença foi menos acentuada, mas ainda assim muito expressiva: 3,8% a.a. contra 8,4% a.a.; significa que a economia

chinesa cresceu mais que o dobro da mundial¹⁷.

A relação entre comércio e atividade econômica pode ser analisada pelos dados do Banco Mundial¹⁸. Em 1971, as exportações de bens e serviços representavam 3% do PIB e alcançou 4,9% em 1978. Daí passaram a crescer em ritmo ainda mais acelerado, superando 12% do PIB em 1986, em 1994 ultrapassaram 22% e chegaram a 34,3% do PIB em 2003. Neste último ano o intercâmbio comercial chinês (exportação + importação) registrou cerca de 60% do PIB, o que significa razoável grau de abertura¹⁹.

Da estratégia de abertura iniciada em 1978 resultou que gradativamente a China se converteu num grande mercado globalizado e hoje é peça-chave para os destinos da própria economia mundial. A participação desse país nas importações e exportações das economias mais desenvolvidas é uma evidência de sua importância. Em 1980, a participação das exportações chinesas no total importado pelo Japão, Estados Unidos e União Européia era de 3,1%, 0,5% e 0,7%, respectivamente. Esses percentuais, 23 anos depois, foram multiplicados por 6 no Japão, por 25 nos Estados Unidos e por 13 na União Européia.

A participação desses países nas importações chinesas, ao contrário, declinou no mesmo período. A redução foi maior para os Estados Unidos; em 1980, eram procedência de 19,6% das importações chinesas e em 2003, sua participação caiu para 8,2%²⁰. Significa que sua quota nas importações chinesas caiu para 40% da observada no período anterior. No mesmo período, a parce-

¹⁷INTERNATIONAL MONETARY FUND - IMF. **World Economic Outlook**. Apr. 2005. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2005/01/index.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2005.

¹⁸De 1999 a 2003 os dados estão disponíveis em: <<http://devdata.worldbank.org/data-query/>>. Para o período anterior foram obtidos no CD-rom: World Development Indicators, 1998.

¹⁹Singapura e Hong Kong são as economias mais abertas, com intercâmbio comercial de quase 300% do PIB. O Brasil continua sendo uma das economias mais fechadas do mundo; em 2003, o comércio de bens representou apenas 25,1% do PIB. Nesse sentido, Índia, Egito, Japão, Estados Unidos e Ruanda são ainda mais fechados que o Brasil. No caso dos três últimos, a relação entre comércio e PIB não chega a 20%.

²⁰Há muito tempo os Estados Unidos vêm apresentando *déficits* comerciais crescentes com a China. De US\$6 milhões em 1985 avançou para US\$34 bilhões em 1995, o dobro desse valor em 1999, ultrapassou US\$100 bilhões em 2002 e alcançou US\$162 bilhões em 2004. Até março de 2005 já acumula *déficit* de US\$42 bilhões. Disponível em: <<http://www.census.gov/foreign-trade/balance/c5700.html>>. Acesso em: 6 jun. 2005.

¹⁵REIS FILHO, 2005, op cit. nota 13.

¹⁶BRASIL cai de 11º para 16º no ranking do IDE. **Primeira Leitura**, Pernambuco, n. 1258, 22 set. 2004. Disponível em: <<http://www.primeiraleitura.com.br/auto/leia.phd?id=32798>>. Acesso em: 4 jun. 2005.

TABELA 1 - Influxo de Investimento Direto Estrangeiro, 1970-2003
(US\$ milhão)

Destino	1970	1980	1990	1995	2000	2001	2002	2003
Mundo	13.032	54.986	208.646	335.734	1.387.953	817.574	678.751	559.576
Desenvolvidos	9.477	46.530	171.109	204.426	1.107.987	571.483	489.907	366.573
UE 15	5.127	21.317	96.774	114.560	671.417	357.441	374.000	295.154
China	0	57	8.487	37.521	40.715	46.878	52.743	53.505
França	622	3.283	15.614	23.676	43.250	50.476	48.906	46.981
EUA	1.260	16.918	48.422	58.792	314.007	159.461	62.870	29.772
Alemanha	770	333	2.962	12.025	198.276	21.138	36.014	12.866
México	323	2.090	2.633	9.655	16.586	26.776	14.745	10.783
Brasil	392	1.910	989	4.405	32.779	22.457	16.590	10.144
Japão	94	278	1.553	41	8.323	6.241	9.239	6.324
Índia	45	79	237	2.151	2.319	3.403	3.449	4.269
Rússia	0	0	0	2.065	2.714	2.469	3.461	1.144
Argentina	90	678	1.836	5.609	10.418	2.166	785	478

Fonte: UNCTAD, 2005. Disponível em: <<http://stats.unctad.org/fdi/eng/TableViewer/wdsview/print.asp>>. Acesso em: 04 jun. 2005.

TABELA 2 - Taxa de Crescimento Anual do Comércio Exterior, China e Mundo, 1961-2003
(em %)

Período	Exportação		Importação	
	China	Mundo	China	Mundo
1961-1978	17,2	15,5	17,8	15,3
1978-1990	14,8	6,5	13,7	6,7
1990-2003	11,1	6,0	11,1	5,9
1978-2003	12,9	6,8	12,5	6,8
1961-2003	16,0	10,6	15,9	10,6

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos da FAOSTAT.

la da União Européia e do Japão nas importações da China também caiu, mas de forma menos drástica: para 80% e 70%, respectivamente (Tabela 3).

No crescimento acelerado das exportações, a China vem contribuindo para obtenção de crescentes *superávits* em transações correntes que, somados aos recursos procedentes de investimentos diretos e outros capitais, colocam o país em situação privilegiada em termos de estoque de reservas internacionais. Sua posição fica evidenciada frente aos quatro principais países emergentes: Brasil, Índia, México e Rússia.

Ao se tomar por referência o ano de 1997, em que ocorreu a Crise da Ásia, com reflexos expressivos nos deslocamentos de capitais pelo mundo, o Brasil foi o país que apresentou evolução mais desfavorável e chegou a 2004 com menor montante de reservas internacionais. Em 1997, suas reservas estavam na casa dos US\$50 bilhões, diminuíram, chegando ao mínimo de

US\$23,9 bilhões em 1999 e depois voltaram a crescer atingindo novamente a casa dos US\$50 bilhões em 2004. A Rússia era a que menos dispunha de reservas em 1997 (US\$13,7 bilhões), também passou por uma fase de redução, mas a partir de 1999 viu suas reservas crescerem aceleradamente até atingir US\$121,4 bilhões em 2004. A comparação dos extremos resulta que suas reservas internacionais foram multiplicadas por quase nove (Tabela 4).

Índia e México apresentaram crescimento das reservas internacionais em todo o período 1997-2004, fechando a série com US\$124,7 bilhões e US\$63,0 bilhões, respectivamente. Destaca-se que o ritmo de crescimento na Índia foi maior: suas reservas foram multiplicadas por cinco, enquanto as do México, por dois.

Se a comparação for feita a partir da taxa de crescimento, verifica-se que a China ocupou terceiro lugar entre os emergentes: suas

TABELA 3 - Participação da China nas Importações e Exportações, 1980-2003
(em %)

Item	1980	1990	1995	2000	2002	2003
Exportação¹						
Japão	3,1	5,1	10,7	14,5	18,3	18,5
Estados Unidos	0,5	3,2	6,3	8,6	11,1	12,5
União Européia	0,7	2,0	3,8	6,2	7,5	8,9
Importação²						
Japão	26,5	14,2	21,9	17,8	18,1	18,0
Estados Unidos	19,6	12,2	12,2	9,6	9,2	8,2
União Européia	15,8	17,0	16,1	13,3	13,1	12,9

¹Razão entre importação procedente da China e importação total do país.

²Razão entre importação procedente do país e importação total da China.

Fonte: PRASAD, E. (Ed.) **China's growth and integration into the world economy**. Washington, DC: IMF, 2004. (Occasional paper, 232).

TABELA 4 - Reservas Internacionais, Países Selecionados, 1997-2004
(US\$ bilhão)

País	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Brasil	51,0	34,4	23,9	31,5	35,8	37,7	49,1	52,8
China	143,4	149,8	158,3	168,9	216,3	292,0	409,2	615,8
Índia	25,3	27,9	33,2	38,4	46,4	68,2	99,5	124,7
México	28,8	31,8	31,8	35,5	44,8	50,6	59,0	63,0
Rússia	13,7	8,5	9,1	24,8	33,1	44,6	73,8	121,4

Fonte: IMF, World Economic Outlook, Abr. 2005.

reservas foram multiplicadas por quatro entre 1997 e 2004, contra nove e cinco para Rússia e Índia, respectivamente. O realce é que, em 1997, seus US\$143,4 bilhões de reservas internacionais já ultrapassavam em mais de 20% as do Brasil, Índia, México e Rússia juntos (US\$118,8 bilhões). Crescendo à taxa anual média de 23%, em 2004 atingiu US\$615,8 bilhões, valor 70% acima do obtido pelos outros quatro países juntos. Com tal volume de recursos acumulados, e com o ritmo sustentado de crescimento que vem obtendo, tornou-se ponto estratégico no cenário internacional.

3 - BRASIL x CHINA: evolução do comércio

No começo da década de 1960, Brasil e China estavam praticamente empatados em termos de valor das exportações: nenhum deles ultrapassava US\$1,5 bilhão. Em 1978, quando teve início o processo de abertura chinês, suas exportações totais já alcançavam US\$22,4 bilhões, enquanto as brasileiras totalizavam US\$12,6 bilhões. Daí em diante as exportações brasileiras cresceram 477%, alcançando US\$73

bilhões em 2003, enquanto as chinesas aumentaram 2.500%, chegando a US\$583 bilhões²¹.

Dos 26 anos que se seguiram ao início da abertura, apenas em quatro deles a China registrou *déficit* comercial, sendo que o maior aconteceu em 1985, quando o valor das exportações ficou 7% abaixo do das importações. No mesmo período, o Brasil teve nove anos com *déficit* comercial, sendo que em cinco deles o *déficit* superou 10% do valor importado²².

Outra diferença expressiva entre esses dois países, quanto ao comércio exterior, é que os *superávits* brasileiros se devem mais à agricultura, setor que não registrou sequer um ano de *déficit* comercial entre 1978 e 2003. A China, ao contrário, é grande importadora de produtos agrícolas e o setor freqüentemente apresenta *déficit* comercial. É interessante observar que de 1978 a 1982 seu *déficit*

²¹Disponível em: <<http://www.faostat.fao.org/faostat/form?collection=Trade>>. Acesso em: 7 jun. 2005.

²²Nesse sentido, o maior *déficit* aconteceu em 1979, quando a diferença entre valor das exportações (X) e das importações (M) foi de 15,7%; de 1996 a 1998 foram três anos seguidos de *déficit* acima de 10% do valor exportado [(X/M - 1).100].

1982 seu *déficit* comercial agrícola ultrapassou 30% do valor das importações, chegando a 45% em 1982. Seguiu-se um período de redução do *déficit* e de 1985 a 1994 teve *superávits* no comércio agrícola, com exceção de 1989. De 1995 em diante, o setor voltou a ter persistentes *déficits* comerciais, atingindo 28% do valor importado em 2003 (Figura 1).

Vale ressaltar também que a importância relativa do comércio agrícola para a economia chinesa é muito pequena. Até 1986, o setor contribuía com mais de 10% do valor das exportações do país, mas daí em diante foi perdendo expressão e nos últimos quatro anos da série sua participação gira em torno de 3%. As despesas de divisas com produtos agrícolas também têm pequeno peso no total das importações chinesas: representavam mais de 20% no começo da década de 1980 e a partir de 1999 sua participação não chega a 5% (Figura 2).

No Brasil ocorreu o inverso nos últimos anos. O setor agrícola, que representava mais de 52% das exportações brasileiras em 1978, paulatinamente foi perdendo relevância até o começo da década de 1990, quando sua participação atingiu cerca de 25% do total exportado. De 1994 em diante voltou a crescer até atingir cerca de 30% entre 1996-98, anos em que a moeda nacional sofreu valorização e o País apresentou *déficits* comerciais expressivos. Nos últimos anos houve alguma redução na importância da agricultura no comércio, mas o setor ainda se destaca com participação média próxima de 28% do valor total exportado.

O crescimento da participação da agricultura nas exportações brasileiras em boa medida se deve à China, que se tornou grande mercado para produtos primários nacionais. Entre 1990-92 esse país absorvia 0,9% do valor exportado pelo setor; entre 2000-02 passou a absorver 4,5%, implicando crescimento de 764% do valor importado²³.

A evolução do comércio exterior brasileiro mostra que a China vem crescendo em importância para o Brasil. Sua participação nas exportações, que estava perto de 1% no primeiro

ano da década de 1990, apresentou grande flutuação, mas nos últimos três anos registrou percentual médio de 5,3%. As importações procedentes da China, que representavam ainda menos para o Brasil (0,6% em 1991), evoluíram para a média de 4,5% nos últimos três anos (Tabela 5).

No primeiro ano da década de 1990, quando o Brasil registrava *superávit* comercial acima de US\$10 bilhões, o intercâmbio comercial com a China não alcançava US\$400 milhões. Daí até 1995, o comércio foi crescente e superavitário para o Brasil. O período de 1996 a 2000 foi de *déficit*, em que as exportações giravam em torno de US\$1 bilhão e as importações um pouco mais. A exceção é 1999, quando as exportações brasileiras para a China foram de apenas US\$ 686 milhões e as importações de US\$865 milhões, resultando no *déficit* comercial de US\$189 milhões, pior resultado do comércio com esse país. A partir de 2000, o Brasil voltou a ter *superávits* expressivos, alcançando cerca de US\$ 2,4 bilhões em 2003.

Uma característica do comércio exterior brasileiro é sua elevada concentração em poucos produtos. As exportações brasileiras para a China não constituem exceção. Apenas cinco produtos respondiam por 74,1% das exportações para este país em média no triênio 1996-98. Soja é o destaque. Nesse triênio somente óleo e farelo de soja absorveram 47% das divisas procedentes deste país e ao produto *in natura* coube 10%. Entre 1999-2001, o farelo e o óleo de soja não apareceram entre os cinco primeiros colocados; em compensação o grão de soja ocupou o primeiro lugar, com 26,9% do valor exportado para aquele país. No período 2002-04, a soja em grão continuou em primeiro lugar, com participação de 30,1%, e o óleo de soja apareceu em terceiro, com 6,4% do valor exportado (Tabela 6).

Se as exportações brasileiras para a China são concentradas em poucos produtos, com apenas cinco deles contribuindo com mais de 60% do valor, o mesmo não se pode dizer das importações brasileiras procedentes deste país: os cinco primeiros colocados participaram com 21% do valor entre 2002 e 2004; houve, no entanto, certa concentração dado que antes representavam cerca de 12% (Tabela 7).

Coques de hulha, linhita ou turfa são os produtos procedentes da China mais importantes da pauta de importação, responsáveis por 8,8% das despesas brasileiras com produtos chineses

²³Na média de 2000-02, a China ocupou sexto lugar, atrás de Holanda, Estados Unidos, Alemanha, Federação Russa e Japão que, em ordem decrescente, são os maiores importadores de produtos agrícolas brasileiros (SILVA, C. R. L.; CARVALHO, M. A. Destino das exportações agrícolas brasileiras. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 26-40, mar. 2004.).

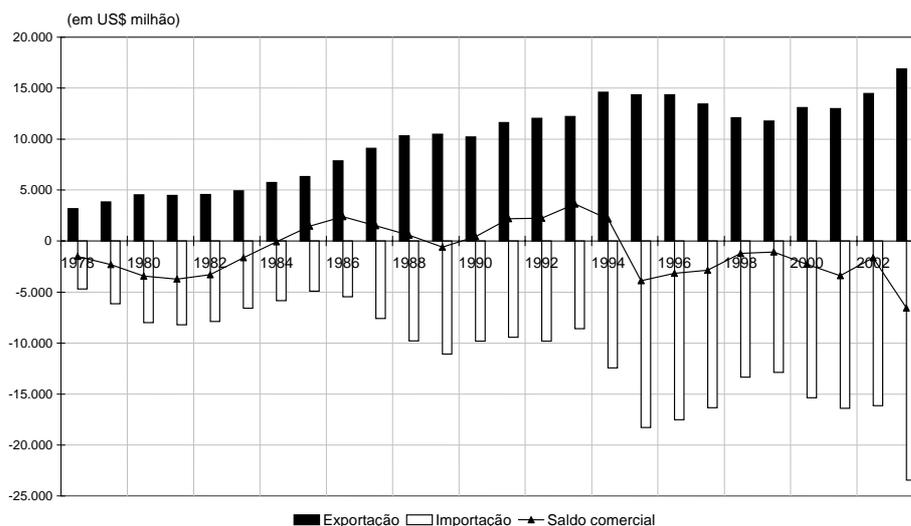


Figura 1 - Balança Comercial Agrícola, China, 1978-2003.

Fonte: FAOSTAT database.

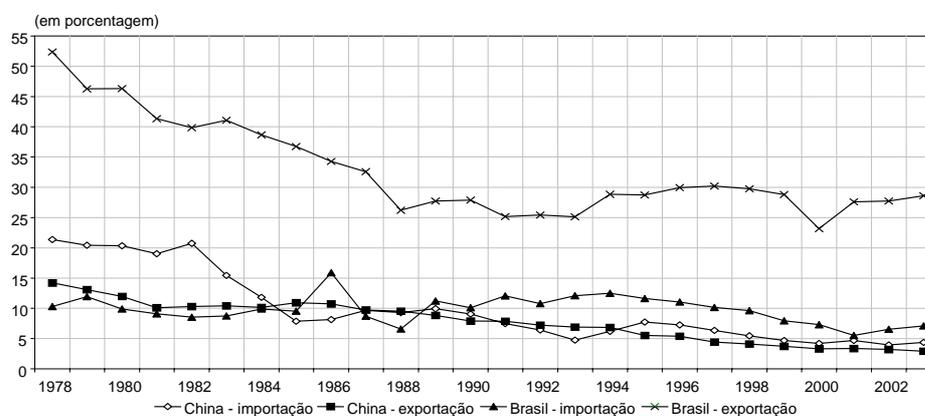


Figura 2 - Participação da Agricultura no Comércio Exterior, Brasil e China, 1978-2003.

Fonte: FAOSTAT database.

TABELA 5 - Comércio Exterior Brasileiro, 1990-2004

Ano	Total (US\$ milhão)			China (US\$ milhão)			China/total (%)	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação ¹	Importação ²	Saldo	Exportação	Importação
1990	31.414	20.661	10.752	382	169	213	1,2	0,8
1991	31.620	21.040	10.580	226	129	97	0,7	0,6
1992	35.793	20.554	15.239	460	117	343	1,3	0,6
1993	38.555	25.256	13.299	779	305	475	2,0	1,2
1994	43.545	33.079	10.466	822	463	359	1,9	1,4
1995	46.506	49.972	-3.466	1.204	1.042	162	2,6	2,1
1996	47.747	53.346	-5.599	1.114	1.133	-19	2,3	2,1
1997	52.994	59.747	-6.753	1.088	1.166	-78	2,1	2,0
1998	51.140	57.714	-6.575	905	1.034	-129	1,8	1,8
1999	48.011	49.210	-1.199	676	865	-189	1,4	1,8
2000	55.086	55.783	-698	1.085	1.222	-137	2,0	2,2
2001	58.223	55.572	2.650	1.902	1.328	574	3,3	2,4
2002	60.362	47.240	13.121	2.520	1.554	966	4,2	3,3
2003	73.084	48.290	24.794	4.533	2.148	2.385	6,2	4,4
2004	96.475	62.806	33.670	5.440	3.710	1.730	5,6	5,9

¹Exportação para a China.

²Importação da China.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2005.

TABELA 6 - Participação dos Principais Produtos Brasileiros no Valor Exportado para a China, 1996-2004

(em %)			
NCM	Descrição	Simples	Acumulada
			1996-98
15071000	Óleo de soja	24,4	24,4
23040090	Farelo de soja	22,6	47,0
26011100	Minérios de ferro não-aglomerados	12,7	59,7
12010090	Soja em grão	10,0	69,8
26011200	Minérios de ferro aglomerados	4,3	74,1
			1999-2001
12010090	Soja em grão	26,9	26,9
26011100	Minérios de ferro não-aglomerados	18,6	45,5
26011200	Minérios de ferro aglomerados	8,6	54,1
47032900	Pasta química de madeira	6,2	60,3
24012030	Fumo em folha	3,4	63,7
			2002-04
12010090	Soja em grão	30,1	30,1
26011100	Minério de ferro não-aglomado	13,8	43,9
15071000	Óleo de soja em bruto	6,4	50,2
26011200	Minério de ferro aglomado	6,1	56,3
47032900	Pasta química de madeira	5,0	61,3

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2005.

TABELA 7 - Participação dos Principais Produtos no Valor Importado da China 1996-2004 (em %)

NCM	Descrição	Simples	Acumulada
			1996-98
27040010	Coques de hulha, linhita ou turfa	5,5	5,5
07032090	Alho fresco ou refrigerado	2,2	7,8
85299020	Parte de aparelho receptor de rádio, televisão, etc.	1,6	9,3
85229090	Parte de aparelho de gravação/reprodução	1,5	10,9
95034100	Brinquedos com enchimento	1,3	12,2
			1999-2001
27040010	Coques de hulha, linhita ou turfa	5,1	5,1
85393100	Lâmpada fluorescente	2,6	7,7
85299020	Parte de aparelho receptor de rádio, televisão, etc.	3,3	11,0
27011900	Outras hulhas, não-aglomeradas	0,8	11,9
27011100	Hulha antracita, não-aglomerada	1,0	12,9
			2002-04
27040010	Coques de hulha, linhita ou turfa	8,8	8,8
85299019	Outras partes de aparelhos transmis./receptores	3,9	12,7
90138010	Dispositivos de cristais líquidos	3,7	16,4
85299020	Parte de aparelho receptor de rádio, televisão, etc.	2,9	19,3
27011900	Outras hulhas, não-aglomeradas	1,6	21,0

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos de: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 03 jun. 2005.

entre 2002-2004. Observa-se que praticamente inexistem produtos agrícolas entre os cinco principais produtos importados da China. Alho fresco ou refrigerado é o único e suas importações representaram 2,2% do total entre 1996-98.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da década de 1990, a China se projetou no comércio internacional e o acelerado ritmo de suas exportações vem criando dificuldades para os concorrentes pelo mundo afora, razão pela qual muitos advogavam seu ingresso na OMC, visando forçá-la a se enquadrar às regras acordadas na organização. Sua acessão à OMC ocorreu em dezembro de 2001, mas como sua economia opera submetida a grande intervenção pública, ficou estabelecido um período de quinze anos de transição para enquadramento aos mesmos direitos e deveres dos demais membros.

A evolução de seu comércio apresentada neste trabalho parece ser razão suficiente para a imposição de limites à aceitação da China como economia de mercado. Alavancada por uma exorbitância de investimentos diretos, vem apresentando ritmo invejável de crescimento econômico, em grande parte vinculado ao intercâmbio comercial, que anda pela casa de 60% do PIB. A dinâmica econômica, por sua vez, depende do andamento das exportações, que crescem mais que as importações e em ritmo muito superior ao do resto do mundo.

É interessante ressaltar que a agricultura tem participação relativamente irrisória nas exportações, e nos últimos anos não chega a 10% das importações e exportações chinesas. O Brasil, ao contrário, depende muito desse setor, que responde por quase 30% do valor das exportações do país. Acrescente-se que suas exportações para a China, além de muitas concentradas em poucos produtos, são predominantemente agrícolas. Nas importações procedentes da China, ao contrário, predominam produtos minerais e industriais. O único produto agrícola que se colocou entre os cinco primeiros foi o alho, mas mesmo assim, com participação relativamente reduzida no valor total das importações.

Se as tendências recentes da economia chinesa perdurarem por mais alguns anos, surgirão dificuldades em várias frentes, a exemplo dos têxteis e vestuários, que já provocam rea-

ções dos produtores e governos europeus e norte-americanos. A fragilidade do Brasil é grande devido à elevada concentração de suas exportações em poucos produtos agrícolas e à dependência de uma diversidade de produtos industriais importados. Assim, no comércio bilateral com a China, há grandes oportunidades de negócios, e os setores industriais brasileiros são os que correm maiores riscos.

Palavras-chave: China, comércio exterior, crescimento econômico, competitividade.